

Um elefante no lugar de um colibri

RECORDE DE TEMPO

A construção de Brasília se notabilizou pelos recordes batidos em construções. A estrada do cemitério, por exemplo, foi feita das 6 da manhã às 2 da tarde, no dia do enterro de Bernardo Sayão. Mas o tempo bom ajudou muito. Uma estrada que foi o maior recorde, foi feita à noite, debaixo de um temporal terrível.

Na Granja do Ipê havia um pequeno lago, onde estavam sendo criadas tilápias que seriam jogadas no lago de Brasília quando ele se formasse. Dias seguidos de chuva, e esse lago transbordava, levando o asfalto, e isolando a residência. Foi um corre-corre terrível na Novacap. Eram 5 da tarde, quando aconteceu a enchurrada e às seis chegava a primeira turma para a conservação do trecho rompido.

Mas o acidente tinha características de desastre. As tilápias foram-se todas e a estrada também. E a chuva continuava forte, incentivando o pequeno riacho que se formou ao cortar a estrada.

Tinha que haver uma solução imediata. E não foi outra senão se abrir nova estrada. Chefiava o DVO o dr. Vasco Viana de Andrade, que passou ao comando da operação. Mobilizou caminhões, candangos e engenheiros.

E no local ficou decidido. As máquinas abririam uma nova estrada, entrando pelo caminho do Gama, diretamente para a residência da Granja. E os faróis da patrol iluminavam as tenras árvores do cerrado que iam abrindo caminho para a nova pista.

A noite inteira foi de chuva, mas mesmo assim pela manhã a estrada estava cascalhada, e a vida da Granja não foi alterada em nada, a não ser o prejuízo das tilápias, que acabavam de chegar da África.

UISQUE COM GRANIZO

O Catetinho era moradia, e lá estavam Juca Chaves, Cesar Prates, Roberto Pena, João Milton Prates e Dilermando Reis num final de tarde de nuvens ameaçadoras. O trabalho não terminava nunca, mas à tardinha o bate-papo com uísque não era dispensado. É que depois o trabalho continuaria noite a dentro com o revezamento de turmas.

No meio da conversa, começa a chover. Todos vão para os pilotis do Catetinho, lamentando tomar uísque sem gelo, porque a pequena geladeira estava quebrada.

As nuvens carregadas descem, caem, e vai uma tremenda chuva de granizo. Eles riem entre si, dizem que Deus está a favor de Brasília, e cada um sai ao campo apanhando granizo, espregando nas mãos para formar pedras, e passaram a tomar uísque com gosto de natureza.

FARÃO É PINTO

Corria o mês de fevereiro de 60 e a cidade tinha de ser inaugurada em abril. Era um Deus nos acuda de tanta obra.

Juscelino queria visitar o Teatro

Nacional, que estava com a estrutura pronta, mas ainda escorada.

E lá foram ver a obra: Juscelino, Israel e Oscar Niemeyer.

O “O Globo”, vendo que a cidade ia mesmo mudar, iniciou uma tremenda campanha contra Brasília, que prosseguiu por muitos anos depois. E encontrou uma expressão para motivar a pobreza brasileira diante de Brasília. Chamou-a de obra faraônica.

Em muitos Estados criou-se o mito de que Brasília estava empobrecendo o país inteiro, e daí uma grande campanha contra a cidade.

Mas a expressão “obra faraônica”, embora pejorativa, não arrefeceu o ânimo de Juscelino, que até gostou da designação.

Na visita ao Teatro, lá embaixo, olhando para cima, os três faziam comentários sobre como é duro construir uma cidade.

Juscelino mais bem humorado, ergueu bem a cabeça, olhou a pino, viu a extensão da obra, pôs a mão no ombro de Israel e sentenciou: “Faraó perto de nós é pinto!”

MOSCAS

Os meses de janeiro, fevereiro e março de 60 foram de chuvas quase diárias. A falta de higiene dos acampamentos contribuiu, então, para que se verificasse em Brasília uma verdadeira epidemia de moscas.

No nosso acampamento, o arroz era feito numa panela de sessenta litros. Um dia, assisti ao chefe de cozinha levantar a tampa dessa panela, e subir uma nuvem de evaporação. As moscas que estavam naquela área, caíram todas dentro do arroz. Pedi ao “chefe” para limpar o arroz. Com uma colher de pau, ele começou a retirar os animais mortos. Um, dois, dez, quinze. Mas havia muitas moscas no arroz, e a panela já estava sendo revirada. Pelas tantas, ele perde a paciência, olha pra mim com desprezo, e termina: “doutor, isto é pimenta-do-reino de candango”. E mexeu com a colher a enorme panela de arroz pontilhado de pintas pretas que eram as moscas.

Uma ocasião, na cantina dos engenheiros na Velhacap, era tanto, o número de moscas, que um engenheiro foi ao acampamento, apanhou um lençol, estirou-o sobre a mesa e os pratos, e ficou debaixo dele para poder comer sossegado.

DIARRÉIA DE BRASÍLIA

Ao tempo em que a cidade toda era um acampamento, a primeira semana de adaptação de quem chegava era conhecida por uma forte dor de barriga, seguida de diarreia que durava vários dias.

Os mais observadores diziam que era por causa da água, e outros apresentavam outras razões. O que é fato é que entero-vioformio era um remédio em permanente consumo na cidade.

O restaurante popular era o do Saps, onde se serviam os funcionários da Novacap, àquela época instalada em

barracos entre a Cidade Livre e a Candangolândia. De uma feita, surgiram muitos funcionários novos, houve uma grita muito grande contra a comida, e todos alegavam que a diarreia era proveniente da comida.

O cozinheiro, experiente, tomou suas providências.

Um dia, um médico do HJKO (Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira) mandou comprar entero-vioformio. Não havia em parte alguma. Ele foi a Luziânia. Lá, soube que um senhor gordo, baixinho, havia comprado todo o estoque, que por sinal era muito grande.

Depois, tudo ficou esclarecido. O cozinheiro do Saps fora à cidade vizinha, comprara todo o estoque de entero-vioformio, e aplicava logo a medicação sem os doentes saberem, misturando-a ao feijão.

Muita gente ficou curada sem saber.

UM ELEFANTE NO ZOO

Nesta época, o dr. Assis Chateaubriand vivia em paz com o dr. Juscelino Kubitschek, e embora contra a construção de Brasília, morria de amores pela obra, pela maneira como era levada a construção.

Um dia, estava se falando em Jardim Zoológico, que toda cidade que se preza tem que possuir.

Foi aí que apareceu o dr. Assis, sugerindo ao dr. Juscelino dar de presente uma coleção de colibris, para a inauguração do zoo.

O dr. Juscelino deu uma gargalhada faustosa, bateu no ombro do dr. Assis, e corrigiu: colibri que nada, doutor Assis. O zoo de Brasília tem que se inaugurar com um elefante, e fêmea, para reproduzir mais ainda. Brasília não tem peso de colibri, mas tem de elefante.

E na verdade, cinco meses depois, uma elefanta fazia, de carreta, uma aventureira viagem do Rio para Brasília, por estradas ainda abertas sem pavimentação, deliciando a criançada das cidades do caminho, até que chegou a Brasília onde se instalou como primeiro animal do zoo.

O ESCRIBA

Próximo ao guichê dos Correios, na Avenida Central no Núcleo Bandeirante, havia sempre uma fila de candangos esperando sua vez de fazer a carta. É que ali havia um senhor de idade, que respondia a todas as cartas, em troca de pequeno pagamento.

Os candangos analfabetos quando recebiam correspondência de casa, levavam a carta a ele, e lá ficavam sabendo das notícias. Ele mesmo fazia a resposta, depois de ouvir do destinatário em que termos deveria ser dirigida a missiva.

Muitas vezes, o candango, roído de ciúmes, dizia expressões horríveis contra a pessoa querida distante, e ele sempre atenuava um pouco, para não “fazer os outros chorar”.

Um dia conversando com o escriba, de quem não me lembro o nome, ouvi dele uma opinião muito válida. Se o

candango era analfabeto, como ele poderia interpretar fielmente o pensamento? Alguma vez ele não teria dito ao contrário do que o dono da carta havia pedido?

A explicação era dele: na maioria dos casos de noivos, eu sempre notava sentimentos e ressentimentos. Alguns, morbidamente dominados pelo ciúme, queriam cartas violentas, mas eu sabia que iria atingir o outro lado. Então, antes, eu mesmo fazia com que ele pensasse diferente. Depois disto é que eu punha no papel. Jamais disse que ele estava apaixonado, quando me ditava cartas violentas.

Era enfim, o reflexo da alma. O escriba, honesto, transmitia para distante o verdadeiro sentimento do remetente.

Não sei se foi verdade, mas me contou que um dia um candango chegou a ele e ordenou: “tape os ouvidos e leia esta carta só pra mim...”

SEU AMARO NO SUPERMERCADO

O primeiro supermercado de Brasília foi o que hoje é da SAB, e está entre as quadras 308 e 309. A cidade havia sido inaugurada, e os primeiros apartamentos estavam sendo ocupados. Mas o abastecimento doméstico teria que ser feito todo na Cidade Livre, porque poucas lojas havia no Plano Piloto. Quando se desejava qualquer coisa teria que se fazer uma longa caminhada.

Foi assim que a Novacap resolveu construir um supermercado, embora não houvesse estrutura alguma para isto. Mas foi feito, e coube a sua administração ao sr. Amaro Cavalheiro. Ele era administrador, comprador, lavador do chão e caixa, às vezes.

Não havia uma empresa organizada para isto, e o suprimento dos funcionários teria que ser feito de qualquer maneira. E tudo era por conta do seu Amaro.

Para se dizer com mais detalhe, basta citar que o Hospital Distrital, quando foi inaugurado, não tinha balança, e alguns doentes eram levados para se pesar na balança do supermercado.

Um dia começou-se a organizar uma empresa para explorar o ramo de supermercado. Veio o governo Jânio, e seu Amaro acabou metido em IPM, do qual hoje ele ri satisfeito: fuçaram tudo, e não encontraram nada.

DISTRIBUIÇÃO DE ÁGUA

Arde d’água do Setor Gráfico não foi planejada, mesmo porque só havia duas obras. A do “Correio Braziliense” e a da Imprensa Nacional. Foi assim que o DAE abriu, no cerrado, um buraco e fez uma tubulação até lá. Daí, a água saía para a Imprensa Nacional, e nós tivemos que instalar uma tubulação precária, para recebermos água também.

Embora a “piscina” tivesse impermeabilização natural, sempre caía o nível d’água, e nós íamos reclamar.

No R—1 ficamos sabendo que havia um registro que ligava a água para o Setor Militar, desligando para o setor de Imprensa, ou vice-versa. Apreendi onde ficava o registro, e vez por outra ia lá e abria para o jornal.

O administrador vendo que alguém estava fazendo isto, resolveu tirar a direção do registro, e abria conforme desejava.

Nós havíamos visto onde estava o registro, e compramos uma grande chave inglesa. Muitas vezes o José João, aqui da casa, quando faltava água ia até lá, e abria para o jornal, fechando para o Setor Militar.

Um dia, um funcionário assistiu à manobra e foi reclamar.

— Foi o homem que mandou, uai, foi sua resposta. O porteiro do acampamento do DAE ficou calado, e depois encontrou na rua o dr. Targino, engenheiro-chefe, que passa um bruto “sabão”. Expliquei o que havia acontecido, que estávamos sem água, e ele terminou:

— O Exército também vive reclamando, e entre eles e vocês, que vocês morram de sede. E fechou a cara.

POR QUE PALACIO DA ALVORADA?

Desde as primeiras plantas, o palácio residencial sempre foi chamado “Alvorada”.

Mas um dia, no gabinete presiden-

cial, várias pessoas conversavam, e o sr. Barbosa Lima Sobrinho, trazendo o assunto à baila, lembrou o espírito supersticioso do brasileiro, citando que quase todos os palácios estaduais tinham seu nome no plural. Palácio das Esmeraldas, Palácio das Princesas, Palácio dos Leões, e citou vários outros.

A discussão passou então para um ponto: se deveria ser mantida a superstição ou não. Se o fato de ser Alvorada poderia ou não trazer azar.

E muito se discutiu naquela noite, até que o dr. Israel Pinheiro atalhou a história com um aparte que pôs ponto final: “Isto é besteira. O mineiro só se interessa por dois palácios, e ambos estão no singular: “Liberdade” e “Catete”. E ficou Alvorada, mesmo.

O SEGREDO DO VHF

Em 1957, o dr. Israel Pinheiro comprou quatro camionetes Rural Willys que vieram dos Estados Unidos já com equipamento de rádio VHF. Ficou com uma, e as outras três para os três diretores na Novacap.

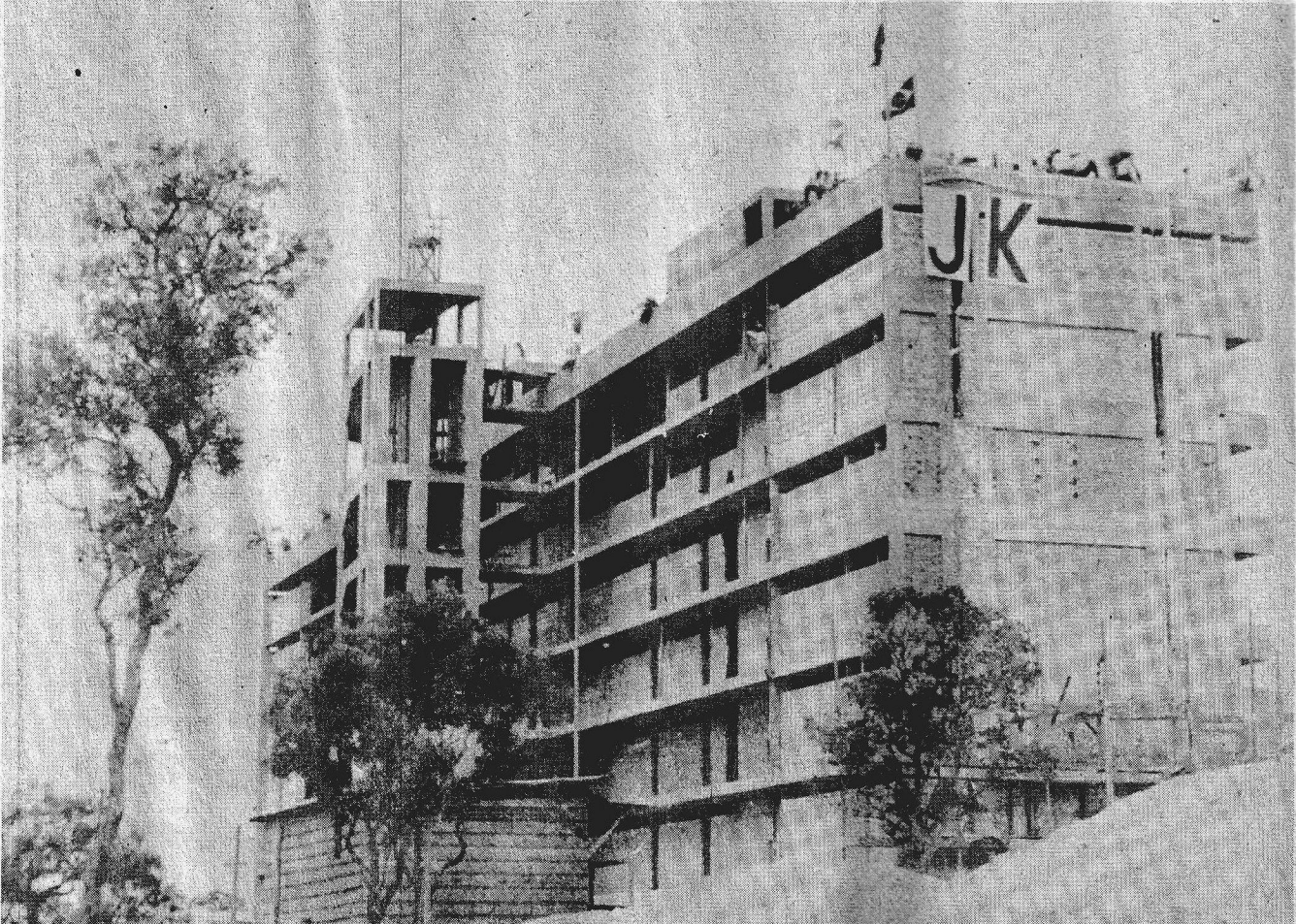
Um dia, na camioneta, ele estava inspecionando as obras na Praça dos Três Poderes, e “soltou os cachorros” em todo o mundo. Não estava presente o chefe do Departamento de Edificações, que era o dr. Peri da Rocha França. Mas mesmo assim ele desfez várias ordens, e mandou a obra tomar outro rumo.

Quando o dr. Peri soube da estória, falou com o diretor da empreiteira pelo rádio de outro carro de diretor da Novacap. Estava com muita raiva, e não poupou o presidente da Novacap:

— Ora, essa onça chega aqui, desmancha tudo, e eu vou aceitar isto. Ele manda na presidência. Na obra mando eu, e pronto!

Mas o carro do dr. Israel estava com o rádio ligado, e por coincidência ele ainda não havia chegado ao escritório. Ouviu toda a conversa do dr. Peri, e depois falou com o engenheiro:

— Peri, é para fazer como eu mandei. Na construção de uma cidade todo o mundo tem direito a ter uma opinião, mas é obrigado a seguir a minha!



O entusiasmo era a nota dominante entre a grande maioria dos pioneiros que estava construindo Brasília, nos anos de 1957 a 1960. Afinal, estava sendo feita uma nova Capital, a cidade-símbolo de um país novo que buscava novos horizontes e novos destinos. Assim, as coisas mais simples assumiam, muitas vezes, aspecto heróico ou festivo. A

primeira luz que se acendia, o primeiro tubulão que se cavava, a primeira laje que se completava, a primeira estrutura concluída, tudo era motivo para celebrações. Enquanto a cidade ia sendo erguida do nada, O presidente Kubitschek realizava periódicas visitas aos canteiros de obras. A foto foi colhida na manhã do dia 17 de novembro de 1958, quando o IPASE completava a

alvenaria do primeiro bloco de apartamentos da futura Capital, o Bloco C da SQS 208. Naquela data, o Presidente Juscelino passaria o dia na “cidade” e no programa de visitas estava incluído o IPASE. Daí a Bandeira Nacional no cimo do bloco, marcando uma vitória e as duas letras, pintadas em dois lençóis, numa saudação ao Presidente.